

# A importância da viagem à Suíça

20 JAN 1993

**A**o desembarcar na Suíça, cercado de jornalistas, o presidente Fernando Henrique Cardoso ouviu uma pergunta inevitável: o que, afinal, ele fora fazer ali?

A pergunta não era impertinente, conforme pode parecer, pois certamente reflete a indagação de muitos brasileiros, inclusive até de seus correligionários políticos. Isso porque o Congresso está em regime de convocação extraordinária, tentando aprovar reformas constitucionais pelas quais o presidente tem lutado, de modo que é lícito pensar que o momento exigiria sua presença no País, e não uma nova viagem para o exterior.

No entanto, é preciso considerar também que, diante da atual conjuntura internacional, o presidente não poderia perder a oportunidade de expor, mais uma vez, perante uma audiência altamente qualificada, o pensamento do seu governo e a estratégia brasileira para defender-se dos efeitos da crise asiática.

A Suíça, como sabemos, é um dos principais centros financeiros internacionais. Acresce que ali se realiza também, neste momento, na cidade de Davos, o importante e tradicional Fórum Econômico Mundial, que reúne empresários do mundo inteiro, financistas, chefes de governo e ministros das finanças de países importantes. De modo que os pronunciamentos e as explicações do presidente do Brasil não se dirigem apenas aos ouvidos de cidadãos suíços.

O fato de que a presença e as palavras do chefe de governo brasileiro são importantes naquele fórum revela-se na observação de um banqueiro local ao nos-

so repórter, dizendo esperar que a moeda brasileira seja logo desvalorizada em 20% ou 30%. Ora, só quem ignora totalmente a política atual do nosso governo e as circunstâncias que a envolvem pode alimentar semelhante equívoco, que aliás foi respondido por FHC ao dizer que "não há necessidade de mexer no câmbio, nem agora nem no próximo

## A presença no Fórum de Davos é que torna muito oportuna a atual viagem de FHC

mandato" e que não é só o comércio que tem de ser contemplado na política cambial, e sim o conjunto do programa de estabilização.

As explicações sobre por que é desnecessária uma desvalorização ele as forneceu durante palestra a executivos suíços, prevendo que o Brasil receberá este ano investimentos externos de cerca de US\$ 20 bilhões, ultrapassando o recorde de mais de US\$ 17 bilhões do ano passado. Além disso, a continuidade do programa de privatizações permitirá captar recursos que podem chegar aos US\$ 100 bilhões, sendo, portanto, remoto o risco de queda preocupante nas reservas internacionais do País, que, aliás, se encontram em nível bastante elevado.

Mas, além de poder dirigir-se a um público internacional importante que se encontra na Suíça para o fórum, ali também estarão presentes os presidentes da Argentina, do Chile e vários ministros dos países parceiros do Brasil no Mercosul. Programou-se, por

isso, um seminário especial entre essas autoridades e representantes da União Européia, que também estarão presentes, justamente para dar continuidade às conversações que vêm sendo mantidas entre os dois blocos econômicos com o objetivo de maior entrosamento e de uma futura parceria transatlântica. Difícilmente haveria outra oportunidade igual para isso, em momento diferente, ao longo deste ano.

E, conforme já vimos pelo noticiário enviado da Suíça, o presidente se empenha, mais uma vez e de maneira exaustiva, em explicar a todos os interlocutores as diferenças que tornam o Brasil muito menos vulnerável do que os países da Ásia aos ataques especulativos e aos riscos financeiros, expondo ao mesmo tempo as atraentes oportunidades de investimento que despontam neste país. É claro que no ambiente atual a insistência nisso é mais do que necessária, principalmente vinda de viva voz do próprio chefe do governo do País que esteja suscitando dúvidas, pois isso é muito diferente do que ler artigos de analistas nos jornais.

Certamente não se devem esperar resultados qualitativos ou quantitativos imediatos da presença e dos contatos da comitiva brasileira na Suíça. Mas é mais um esforço que não pode ser negligenciado no sentido de tranquilizar os interlocutores sobre as políticas que o governo brasileiro vem adotando, o que, aliás, não beneficia apenas o Brasil, mas também a própria comunidade financeira internacional, que, evidentemente, tem interesse na preservação da estabilidade de uma economia que está entre as maiores do mundo.